A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORES DE INGLÊS EM CURSOS LIVRES

Adail Ubirajara Sobral [*]
Maria Waleska Siga Peil Martins [**]

Resumo: Este trabalho constitui uma reflexão sobre os resultados de uma pesquisa a respeito da identidade de professores de língua inglesa em cursos livres numa cidade do sul do Rio Grande do Sul. A pesquisa está fundamentada em estudos acerca de ensino de língua estrangeira (CELANI, 2006; LEFFA, 2006; 2013) e em pressupostos dos estudos culturais e de identidade (BAUMAN, 2009; HALL, 2012), com ênfase na de professor. Para a análise, empregamos os princípios da análise dialógica de Mikhail Bakhtin (1929/1999), tal como apresentados por Brait (2006) e Sobral (2006). O objetivo principal desta pesquisa foi investigar de que forma os professores de língua inglesa, com e sem formação específica, se autoidentificam e avaliam seu perfil profissional e que benefícios e dificuldades encontram no exercício do ensino da língua a partir de sua formação teórica e de seu treinamento prático.
Palavras-chave: Identidades. Formação de Professores. Estudos Culturais.

Abstract: The paper discusses results of a master dissertation on identity regarding the professional profile of English teachers in private English courses from a Rio Grande do Sul southern town. The study starts from specific texts involving foreign language teaching (CELANI, 2006; LEFFA, 2006; 2013) and it is grounded in cultural and identities studies (BAUMAN, 2009; HALL, 2012), with an emphasis on teacher identity. Analysis was done according to the principles of Bakhtin's dialogical theory as presented by Brait (2006) and Sobral (2006). The main goal of this study is to investigate in which ways English teachers, with and without specific education, self-identify and evaluate their professional profile and what benefits and difficulties they find in the language teaching exercise from their theoretical educations or practical coaching.
Keywords: Identities. Teacher Education. Cultural Studies.

1 Introdução

A liberdade vinculada ao mundo pós-moderno permite que os indivíduos determinem seus destinos e criem suas histórias. A reconstrução parece ser um conceito fundamental dentro das formações identitárias, já que é necessária a união de vários aspectos individuais, sociais e culturais para que se construa uma identidade, e, por isso ela não se encontra disponível em prateleiras de lojas nem está a um clique do *mouse* de um computador. O trabalho aqui relatado explora noções de identidade sob o aparato dos Estudos Culturais de Hall (2012), assim como a liquidez e a fugacidade da vida moderna atual de acordo com Bauman (2009) e suas consequências no processo de trabalho para os indivíduos, no caso, professores de inglês de cursos livres, amparado ainda pelas ideias de Dubar (2009).

Para Hall (2012), "a identidade é um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção" (HALL, 2012, p. 106). Com isso, é possível sustentar que não se pode encontrar uma versão final para o conceito de identidade já que as identidades são múltiplas e construídas de acordo com os cenários aos quais pertencemos. A perspectiva adotada neste estudo também é amparada na ideia de identidade como o resultado de uma identificação contingente (cf. DUBAR, 2009), ou seja, a busca por uma identificação

[*] Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Professor Adjunto III do programa de Pós Graduação em Letras – Linguística Aplicada, da Universidade Católica de Pelotas/ RS. Email: adail.sobral@gmail.com.
[**] Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas.

com o outro, que, muitas vezes, varia de acordo com os diferentes contextos em que estamos inseridos e nos define diferentemente.

Essas posições identitárias transitórias também podem ser encontradas como parte integrante da identidade de professores, assim como de seus repertórios profissionais. Diante disso, percebe-se o quanto os indivíduos encontram-se fragmentados não somente diante dos seus próprios ideais de existência como também de seus traços identitários, envolvendo suas profissões, no caso aqui, a profissão de professor de inglês.

O ensino do idioma na escola parece ter perdido sua relevância, fato, em parte, devido ao descaso dos governos em relação à política atual de ensino do idioma nas escolas. O número de períodos vem sendo reduzido ao longo dos anos, assim como o número de horas-aula. Os professores, sentindo a crescente desvalorização da educação como um todo, procuram outros caminhos para realizar-se tanto profissionalmente como financeiramente, e assim, o ensino do inglês foi ficando a cargo dos "famosos" cursos livres[1]. De que forma atuam os profissionais que escolhem exercer a atividade de professor de inglês nos cursos livres e como veem seu perfil docente? Neste artigo tentamos não somente formar uma imagem de tais professores, como também revelar de que maneira é dividido e ocupado esse espaço educacional tão procurado nos dias atuais.

Deve se considerar ainda que, como as universidades continuam a formar professores de línguas que por vezes encontram dificuldades na prática, os dados gerados numa pesquisa de 2014 fornecerão a base para que se construa a comparação entre professores de cursos livres com e sem formação específica assim como a discussão do valor do treinamento prático e da formação acadêmica de professores de línguas.

Para melhor compreender a situação da pesquisa[2], cabe mencionar que, na vida da pesquisadora (uma das autoras deste artigo), a figura do professor de inglês sempre exerceu grande importância, conforme demonstra seu relato, utilizado como modelo para a produção dos dados com os professores pesquisados:

> Dediquei uns bons anos de minha vida ao idioma, primeiro, na escola, e, mais tarde, como aluna de cursos livres. Após muita insistência, durante minha adolescência, passei a frequentar o famoso "cursinho de inglês". As aulas de inglês da escola ainda eram interessantes, mas sentia que agora eram apenas um complemento para o aprendizado que ocorria paralelamente no curso livre. Após a graduação no curso de Letras, deparo-me novamente com essa mesma realidade, agora como professora tentando encontrar aqueles mesmos elementos que tanto me fascinavam como aluna na época escolar e que também encontrara na figura daqueles profissionais. Ensinar inglês na escola pode ser bem difícil e diferente da docência idealizada durante a universidade, em especial para professores jovens e recém graduados. De acordo com minha própria experiência, tanto como aprendiz como professora, pude perceber a dura realidade de que apenas ouvia falarem e que parecia tão distante. Houve momentos que já não possuía a vontade de adentrar uma sala de aula e ser professora como havia almejado. Coincidência ou não, fui convidada a trabalhar no curso livre onde havia sido aluna quando criança, agora sob a direção de uma ex-professora. Foi o

[1] Curso livre é, no contexto da legislação brasileira, todo curso que não é regido por lei específica. São exemplos os cursos de dança, reforço escolar, esportes, idiomas, artes plásticas, informática e segurança. Aqui nos referimos ao curso livre de idiomas.

[2] Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Católica de Pelotas. Área de concentração: Linguística Aplicada. Linha de Pesquisa: Texto, discurso e relações sociais. Banca examinadora: Prof. Dr. Adail Ubirajara Sobral (UCPEL) orientador, Prof. Dr. Hilário I. Bohn (UCPEL) e Profª. Dr. Karina Giacomelli (UFPEL).

> que eu precisava para retomar minha satisfação em dar aulas e exercer a profissão que escolhi. Vontade, incentivo e reconhecimento eram elementos presentes naquele ambiente. Alunos de diferentes faixas etárias chegavam entusiasmados, com dúvidas e interesse, querendo mais, o que me fazia também querer sempre mais como profissional. Muitas vezes questionei e ainda questiono o porquê de não haver a mesma realidade na escola regular.

Quando penso no ensino do inglês escolar, lembro-me da realidade de descaso atual da profissão. Por questões já explicitadas aqui, compreende-se a escolha de muitos professores em atuarem em um ambiente onde se sintam mais favorecidos e valorizados. Da preocupação com o distanciamento entre a realidade apresentada na universidade e o cotidiano enfrentado pelos professores, assim como quem são os professores de inglês, graduados ou não, atuando como profissionais dos cursos livres surgiram estudos que dialogam sobre as identidades docentes e a formação acadêmica dos professores de inglês. Ser professor de inglês em cursos livres, entretanto, é diferente. Há possibilidades e realidades que, na maioria das vezes, não são encontradas na escola, por exemplo. A diversidade encontrada nesses ambientes faz com que esses cursos tenham um caráter único que parece agradar os alunos. Prova disso é a expansão desses cursos pelo país. Por outro lado, o crescimento desses ambientes parece caminhar lado a lado com o processo de declínio do ensino do inglês nas escolas, sejam estas da rede pública ou particular de ensino.

2 O status do *ser* professor *x* professor de língua estrangeira

O panorama social atual parece abalado pela falta de certezas como um todo na vida moderna dos sujeitos, acarretando desafios também para aquele que há pouco carregava o dever de trazer a estabilidade para a sociedade: o professor. Sendo assim, propomos a reflexão sobre quão instável é o trabalho do professor na sociedade moderna e o que afeta o caráter identitário da profissão, que passa a estar em constante construção.

Iniciamos o texto discutindo as bases do que é ser professor, citando Bohn (2012, p. 288) e a sua problematização da profissão: falando do professor, ele destaca ser necessário considerar suas "identidades, o intelectual, o educador, conhecimento, ensino, metodologia, tecnologias, currículo, política educacional e pessoal". A difícil situação em que os professores se encontram perpassa diferentes questões como piso salarial, condições das escolas, do ensino, questões de ordem política bem como a própria mudança nas gerações atuais, que parece dificultar o trabalho de toda a classe de professores.

Embora a história da educação tenha conhecido muitos momentos de crise e embora a atual pareça ser diferente daquela do passado, como afirma Bauman (2009), anualmente milhares de alunos formam-se professores no país. Levando em consideração o cenário atual já mencionado, questiona-se o que ainda mantém alunos em buscar o ideal de ser professor. Seria a vocação, a falta de opção ou a busca por segurança em um diploma de ensino superior?

Diante da pergunta anterior, podemos encontrar possíveis vestígios para uma melhor compreensão da questão nas seguintes considerações:

> A maioria dos alunos que procuram o curso de Letras Inglês nas duas universidades públicas onde ensino não quer ser professor de língua inglesa. Não é novidades para ninguém que a maioria dos alunos escolhe o curso por ser mais fácil de passar no vestibular e, com um diploma de nível superior

> pode se candidatar aos milhares de concursos públicos, que também povoam o imaginário nacional (OLIVEIRA, 2013, p. 45).

São muitos os questionamentos e conjecturas sobre o que leva um indivíduo a perseguir a carreira de professor nos dias de hoje. Em um mundo em que as dificuldades são compartilhadas e nada passa impune, é difícil imaginar que aqueles que estão em uma sala de aula não tenham conhecimento prévio da realidade que devem enfrentar logo após o período da formação acadêmica.

Continuando a discussão e trazendo para o campo do ensino de línguas estrangeiras, questiona-se também o que mantém alunos dos cursos de licenciaturas em Letras em busca da formação do seu ideal de professor de inglês, tornando-se eventualmente docente. É possível observar o quanto lecionar a língua estrangeira parece promover um status diferenciado no imaginário das pessoas, o que evidencia a construção de certa imagem acerca do ser professor de inglês assim como daquilo que a língua inglesa representa.

Com relação a esse imaginário permeando o professor de inglês, recorremos a Moita Lopes (2006, p. 36), que fala da "atitude exageradamente positiva e de quase adoração pela cultura de língua inglesa" o que corrobora o status diferenciado que a profissão de professor de inglês parece exercer. O autor também nota que ainda há uma grande ênfase nas habilidades orais ou exercícios de repetição por parte dos professores, que é atribuída aos resquícios deixados pelo método audiolingual[3], que dava ênfase ao uso da língua mediante padrões de repetição. Porém, demonstra ressalvas quanto à insistência do ensino da oralidade nas escolas. Para ele, devemos ter em vista o contexto brasileiro, assim como incentivar uma motivação instrumental mais coerente com a realidade brasileira, em vez de insistir no desenvolvimento de habilidades talvez não requeridas pela realidade do alunado.

3 A formação do professor de língua inglesa

Considerando que os professores de línguas estrangeiras parecem possuir uma posição de valor e destaque entre os demais docentes, pensamos ser necessário traçar o perfil desse profissional. Para isso, destacamos Celani (2006) e sua concepção de professor de línguas estrangeiras:

> Um graduado com habilidades para manusear o conhecimento de maneiras definidas, através de uma prática reflexiva, construída ao longo de um processo, com base em uma visão sociointeracional crítica da linguagem e da aprendizagem, ou seja, um profissional envolvido em um processo aberto de desenvolvimento contínuo, inserido da prática, e não derivado de um método ou de um modelo teórico específicos (CELANI, 2006, p. 23).

A definição estabelecida por Celani é de extrema importância na medida em que leva em consideração a busca por um profissional não somente capaz de reproduzir modelos como também de reconhecer os mecanismos de funcionamento da linguagem que trabalha com seus alunos. Entretanto, a autora reflete, posteriormente, sobre o outro lado da profissão, em especial do professor de inglês e sua atuação sem a formação específica no mercado de trabalho:

[3] Método que tem por objetivo levar o aprendiz a comunicar-se na língua alvo através do condicionamento de padrões, ou estruturas e da formação de novos hábitos linguísticos.

> A profissão, e particularmente a profissão de ensinar línguas estrangeiras, é invadida por todos os lados. Qualquer um pode ser professor. Chega-se ao absurdo de propostas das autoridades máximas da educação para que profissionais de outras áreas, ou de nenhuma, assumam o ensino de disciplinas com falta de professores. Não se cogita de dar melhor formação e melhores condições de trabalhos para professores de uma determinada área, mas afirma-se que muitas vezes os profissionais de outras áreas são mais competentes, sem se perguntar o porquê dessa situação. Talvez a resposta a essa pergunta seja por demais perturbadora e insuportável (CELANI, 2006, p. 36).

As palavras de Celani servem para identificar a existência de dois tipos de profissionais: professores de inglês graduados, que passam pelo curso de Letras e professores de inglês com diferentes formações, sem o curso universitário. Embora a autora não concorde com o exercício da profissão por parte de professores não graduados em Letras, sua constatação denota a realidade de muitos professores de língua inglesa, em especial nos cursos livres: a divisão de espaço com profissionais não graduados em Letras. Assim, e considerando que, de fato, esses sujeitos estão embasados legalmente no que tange a suas práticas em cursos livres, visto que não há uma legislação comum a esses ambientes, questiona-se não mais o porquê de dividirem seu espaço de trabalho e sim como este é compartilhado. Essa indagação também nos leva ao que fundamentalmente perpassa a concepção do que é ser professor, ou seja, de que forma afinal os profissionais tornam-se professores?

4 O curso livre como atual lócus de aprendizagem do inglês

A expansão dos cursos livres concomitantemente com o desenvolvimento do país e declínio da escola básica fez que o ensino e aprendizagem da língua inglesa fossem redirecionados para o ambiente dos cursos livres. Existe um mito no imaginário social (cf. OLIVEIRA, 2013) de que é preciso aprender inglês. Dessa forma, os cursos de inglês crescem de forma "assustadora" e com isso as escolas podem se isentar da responsabilidade de um melhor ensino do idioma, dado que ambientes mais propícios ao aprendizado estão disponíveis aos alunos, considerando que muitas vezes os professores de inglês nas escolas também lecionam em outros turnos nos próprios cursos livres, "pois não se espera que a escola média cumpra essa função" (PCNs, 1998, p. 149).

O ensino de língua inglesa é um grande negócio no Brasil assim como nos demais países da América Latina (cf. RAJAGOPALAN, 2004). Aprender a língua inglesa faz que o indivíduo passe a estar inserido em um contexto de poder que o habilita a transitar na sociedade globalizada, o que gera o fortalecimento do status dominante daqueles que falam e estudam a língua.

Assim, conhecer o idioma tornou-se urgente ao longo dos anos e para isso foi necessário que se investisse em um ambiente voltado exclusivamente para a aprendizagem do inglês. Essa grande demanda também fez que indivíduos que possuíssem diplomas de proficiência na língua estrangeira emitidos por universidades como *Cambridge*, *Michigan* ou *Nancy* e participassem de um curso de Didática pudessem obter o registro de professor de língua estrangeira. Com isso,

> O advento da primeira Lei de Diretrizes e Bases, em 1961, provocou a emissão de novos pareceres, os quais reiteraram o direito dos diplomados

> pelas referidas universidades a se submeterem aos exames de Didática prestados perante Faculdade de Filosofia para obter seu registro profissional (IALAGO, 2007, p. 59).

Ialago (2007) também afirma que a partir da extinção do curso de Didática, professores passaram a ter o direito de cursar matérias pedagógicas em cursos de Licenciatura, recebendo um certificado de complementação pedagógica, assim como uma licença para ensinar a língua estrangeira e sua literatura na educação básica.

A partir disso, passou a ser política comum dos cursos livres contratarem instrutores nativos ou que tivessem fluência no idioma. Com isso, profissionais com formações diversas e proficientes em língua inglesa passam a atuar lado a lado, em muitos casos, com professores graduados em Letras. É necessário observar também o quanto os cursos livres adquiriram um perfil empresarial diante de seus alunos/clientes ao longo dos anos, acarretando uma mudança no próprio papel dos professores que, muitas vezes, tornam-se apenas "instrutores" ou "monitores", nomenclaturas estas, por vezes, usadas na carteira de trabalho. Dessa forma, o professor passa a ser um coadjuvante no processo de ensino enquanto a aprendizagem da língua aliada ao *marketing* de metodologias torna-se o objetivo principal dos cursos livres.

A diversidade encontrada no corpo docente desses ambientes é vasta e perpassa profissionais graduados no curso de Letras, alunos que completaram o curso livre e ao final do processo foram convidados a dar aulas na instituição onde atuam, indivíduos que moraram no exterior e retornaram ao país, graduados em outras áreas, mas que possuem fluência na língua inglesa, além de nativos que atuam como professores.

Ainda em torno da falta de uma legislação que exija a formação específica do professor de inglês dos cursos livres, vemos que

> A administração de cada instituição decide que tipo de docente quer ter: se é o graduado em Letras com licenciatura em inglês ou se é aquele que é fluente no idioma, não importando sua formação. Como consequência da ausência de legislação específica, encontramos uma carreira profissional descaracterizada e sem respaldo de uma lei que a especifique e que defina seus contextos de atuação (CHIMIM, 20013, p. 33).

Essa variedade de perfis docentes talvez seja um fator importante na estrutura e publicidade dos cursos livres e no modo como eles adquiriram um caráter tão diferenciado com o passar dos anos. Com o objetivo de abarcar tamanha diversidade dos profissionais pertencentes ao microuniverso dos cursos livres, investigamos indivíduos que apresentassem variadas formações profissionais, de forma a registrar os diferentes perfis de professores de inglês em cursos livre e de que forma eles se tornam docentes.

5 Os professores participantes da pesquisa

Os sujeitos de pesquisa pertencem a diferentes cursos livres de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. O foco do estudo está no perfil dos professores de inglês e nos modos como estes agem e interagem em suas práticas. Seis professores foram convidados a participar da pesquisa, três graduados em Letras e os outros com diferentes formações. Cada professor pertencia a um curso livre diferente. A partir da escritura de um memorial descritivo e de entrevistas semiestruturadas, pôde-se observar de que forma os sujeitos pesquisados tornavam-se professores e como se viam e julgavam ser vistos, no que diz respeito às suas respectivas formações profissionais e à sua prática profissional.

Justamente por acreditar que a identidade, em geral, e do professor de inglês, em particular, não se dá no idêntico, sendo construída na diferença, que se foi buscar na pesquisa o intercâmbio de ideias entre pessoas com diferentes vivências profissionais e que aparentemente pareciam dividir unicamente o traço identitário de professor de inglês, como se se tratasse de uma categoria homogênea.

A caracterização dos participantes da pesquisa é importante para a análise dos dados, porque não trabalhamos com sujeitos "em geral". Isso ficou comprovado no fato de que mediante a escritura do memorial, o primeiro instrumento, no qual descrevem seu percurso de vida até a assunção do papel de professor, foi possível identificar diferentes perfis e narrativas de vida que de alguma forma contribuem para suas identificações atuais como professores de língua inglesa assim como suas práticas docentes e seus modos de considerar a profissão e seu exercício.

Os memoriais dos sujeitos foram a base para o segundo instrumento, a entrevista. Esta, partindo dos dados dos memoriais, foi dividida em três momentos, ou temas, e teve como objetivo aprofundar, na interação direta com a pesquisadora, também professora de inglês de cursos livres: a trajetória, ou seja, motivações, razões e condições que levaram cada sujeito a ser professor de língua estrangeira, o modo como cada sujeito vê o curso livre; e o modo como cada sujeito vê sua atividade docente. No processo, elementos apenas sugeridos nos memoriais foram se descortinando, o que permitiu uma melhor interpretação quando na análise de dados.

Como aporte teórico para a análise, apoiamo-nos nas ideias de Mikhail Bakhtin (1929/1999), tal como apresentada por Brait (2006) e Sobral (2009), que detalham a concepção dialógica da linguagem em sua incidência num conceito de interação que leva em conta as posições enunciativas, sociais e históricas dos sujeitos envolvidos. Portanto a análise dialógica do discurso enfatiza a amplitude do conceito de interação de Bakhtin, já que levou em consideração as marcas enunciativas do discurso dos sujeitos e permitiu reconstruir sua autorrepresentação como profissionais, não se restringindo a conteúdo do dito, mas considerando também o modo como esse discurso sobre si é apresentado.

No âmbito da concepção dialógica, é a união entre significação e valoração que cria sentidos nas circunstâncias históricas e sociais dadas de cada enunciação. Essa união faz que as chamadas "marcas linguísticas" sejam entendidas nessa teoria como parte da significação, no nível da língua, enquanto a colocação em discurso dessas marcas, ou seja, a mobilização valorada dessas marcas segundo as circunstâncias de enunciação (que envolve a soma das relações sociais dos sujeitos envolvidos) é responsável pelas "marcas enunciativas", designação que preferimos a "marcas discursivas", a fim de enfatizar mais o processo do que o produto.

As marcas enunciativas estão para as marcas linguísticas como a forma arquitetônica para a forma composicional: não vivem sem elas, mas não se restringem a elas. As marcas enunciativas são as marcas que a enunciação deixa no enunciado, ou seja, os vestígios (explícitos ou implícitos) do processo de instauração de sentidos, que envolve a situação de enunciação, e que se podem identificar no enunciado, produto desse processo.

Quanto à análise de dados, Sobral (2006, p. 29) afirma que "o olhar do pesquisador se empenha em identificar (inter-) discursividades e (inter-) genericidades, mais do que apenas (inter-) textualidades, claro que partindo da materialidade textual". Nesse sentido, Cereja (2006) reafirma o ponto de vista dialético e dialógico de Bakhtin ao dizer que a palavra não é neutra, pois reúne em si diferentes vozes de todos que a utilizam ou a utilizaram no curso da história:

> Assim, levando em conta a natureza dialógica da palavra, é possível dizer que, do ponto de vista bakhtiniano, a palavra é indissociável do discurso; palavra é discurso. Mas palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente constituídas (CEREJA, 2006, p. 204).

Assim, os relatos e entrevistas, coletados durante a pesquisa, servem de base fundamental para a compreensão de como os professores entendem seu papel docente e como este influencia seu agir no contexto particular de cursos livres. Para isso, foram analisados os enunciados e seus elementos que, ao se repetirem, constituem o tema desses relatos e seu discurso do ponto de vista da posição enunciativa dos sujeitos e de sua valoração do tópico tratado, o de sua identidade profissional.

Dessa forma, foi possível traçar um perfil profissional, com base em dados gerados na pesquisa, que acreditamos ser importante também para que se compreenda o porquê da tamanha expansão e migração de profissionais para esses ambientes. O perfil do profissional com Letras, atuante em curso livre, com bases nos sujeitos investigados, define-se como professores que defendem sua formação acadêmica atrelada ao "dom" que relatam ter para a profissão de professor. Esse "dom" não fica muito claro, não se sabendo de é uma propensão, um gosto pela língua ou alguma outra coisa; seja como for, parece ser um forte motivador.

Ser professor parece ser para os sujeitos um estado contínuo de formação e evolução que, embora iniciado na graduação, não necessariamente se conclui no dia na formatura. Para esses professores, o início da atuação profissional parece marcar o início de uma nova modalidade de aprendizagem. Além disso, eles estão mais voltados para a questão de quando se tornam professores no sentido de assumir efetivamente essa identidade profissional.

Em contrapartida, o perfil do profissional sem Letras, atuante em curso livre, parece estar mais vinculado à atividade de dar aulas e a instrumentalização dos alunos. O processo de ser professor também vai se dando no cotidiano e na prática, assim como no caso do profissional com Letras, porém sem o questionamento de quando se tornaram professores, no sentido de assumir efetivamente uma identidade profissional, diferentemente do que ocorreu nos relatos dos professores com formação em Letras.

Já o perfil geral dos seis professores estudados parece delinear um profissional que desde cedo possuía facilidade com o idioma e, assim, passou a estar em contato com a língua inglesa sempre que possível, seja estudando ou como um passatempo. O perfil geral também apontou para um profissional que reconhece a importância do professor na sociedade, porém também identifica a problemática atual da educação e, portanto, opta por exercer a profissão de professor em um ambiente diferenciado e no qual se sente valorizado: os cursos livres. Isso mostra a imagem negativa que todos têm do ambiente escolar regular.

O estudo confirma que tanto os professores graduados em Letras como aqueles com formações outras avaliam seu perfil profissional de forma positiva, acreditando na formação da profissão como um processo, seja ele iniciado na universidade ou durante o treinamento e a vivencia da prática no curso livre. Ter ou não a formação específica não parece alterar a forma como os professores se veem, já que eles reconhecem a existência de diferentes possibilidades de formação de professores de inglês, diversidade esta já citada, como se viu, existente no próprio quadro de docentes dos cursos livres.

Entretanto, a nomenclatura ou maneira como são chamados e reconhecidos dentro do curso ou na Carteira de Trabalho, mostrou-se importante na caracterização de seus perfis profissionais, visto que pode ou não validar o trabalho como uma profissão, o que, de certa forma, torna-os reconhecidos na atividade que exercem. Podemos comprovar que tanto as formações universitárias como o treinamento prático oferecido pelo curso livre possibilitam a construção da identidade de professor dos sujeitos pesquisados, o que mostra que o ser

professor é um processo contínuo, sendo criado e recriado na prática, mediante a relação entre a profissão e o ambiente dos cursos livres.

Como foi dito, diferentes nomenclaturas e aspectos relacionados à carteira de trabalho foram citados como fatores de importância tanto na relação que tinham com outros professores e colegas de trabalho como em suas autoidentificações enquanto profissionais. A partir das entrevistas, identificamos o quanto uma nomenclatura poderia servir como uma forma de valoração da profissão: professores graduados em Letras relataram sentimentos de inferioridade quando identificados, verbalmente ou na carteira de trabalho, apenas como instrutores ou monitores. A reafirmação de papel identitário de professor, para os professores com formações outras, seja verbal ou assinada na carteira de trabalho, faz com que eles não questionem sua atuação ou o que são dentro de um enquadramento profissional existente. Ter a formação específica não compartimenta os diferentes professores; pelo contrário, parece exercer a diversidade e alteridade dentro do ambiente de trabalho.

Um aspecto importante a destacar é que, no universo estudado, ter a ou não formação específica não compartimenta os diferentes professores; pelo contrário, parecem positivas para eles exercer a diversidade e alteridade dentro do ambiente de trabalho. Assim, o desenvolvimento de um coletivo de trabalho nesses cursos livres parece vir da convivência profissional, da partilha de situações profissionais comuns, sem distinções quanto à formação ou não em Letras.

Os professores graduados em Letras reconhecem os benefícios trazidos pela formação teórica, já que passam a ter um conhecimento das diferentes áreas do conhecimento linguístico e literário com que tiveram contato durante a graduação, o que possibilitou uma preparação de ordem teórica para a futura experiência de sala de aula.

Os professores não graduados em Letras não veem dificuldades no fato de não terem tido uma formação específica. O treinamento prático que recebem ao ingressarem no curso livre lhes parece dar conta de sua atividade de professor. Com isso, observa-se que esses professores consideram o conhecimento da língua, e não a formação oferecida pelo curso de Letras, como o fator mais relevante em seus perfis profissionais e que (a nosso ver de certa forma) os habilita ao exercício de suas práticas profissionais.

Foi possível reconhecer a existência de um tipo de professor que opta por exercer a profissão de professor nos cursos livres pelo fato de sentir-se valorizado nesse local, mais do que o seriam em outros ambientes. Embora todos os professores reconheçam o valor positivo da profissão que escolheram, todos relataram a difícil realidade em que se encontra o ensino do inglês na escola, como já versado aqui, fato que os fez procurar um local de trabalho onde pudessem ser reconhecidos ou ao menos mais bem pagos e com menores problemas.

O perfil traçado dos professores graduados em Letras revelou que, ao contrário daqueles que não têm formação, trata-se de profissionais reflexivos quanto à sua condição docente e à sua construção identitária de professor, o que parece bastante positivo. A partir de questões como ser professor e/ou sentir-se professor identificadas em seus discursos, foi possível definir seu perfil como o de professores de inglês reflexivos no que tange às suas identidades e práticas docentes.

O perfil dos professores com formações outras aponta para maior foco no conhecimento linguístico estrito e na experiência adquirida a partir da prática em sala de aula, bem como do treinamento oferecido pelo curso livre. Esse profissional não se preocupa com questões referentes a se tornar professores, já que lhes é atribuída a nomenclatura de professores desde o momento em que passam a dar aulas no curso livre, e isso parece ser suficiente para sua identidade.

6 Considerações finais

Parece não haver dúvidas de que ser professor de inglês em cursos livres toca o orgulho e autoestima desses profissionais como docentes diferenciados e que têm a oportunidade de trabalhar de maneira mais plena se comparados a professores que atuam em outros locais de ensino. Fatores como salário, reconhecimento e valorização da profissão foram discutidos pelos professores durante os diálogos, contribuindo para que pudéssemos encontrar alguns pilares para a construção de quem são esses professores que atuam em cursos livres.

Os professores relacionaram a diversidade de formações, presente nos cursos livres, com o intercambio de ideias e aprendizado entre seus colegas de trabalho, o que colabora para a transformação e evolução de suas próprias formações. Atuar em um curso livre, sendo este do tipo franquia ou não, parece diferenciar os profissionais do restante dos outros colegas, considerando que o ambiente permite que eles voltem ao seu lugar de destaque, do qual o professor jamais deveria ter saído.

Os professores de inglês parecem continuar a se formar na prática, em sua construção identitária diária e não apenas epistemologicamente, passando pela universidade. Ser professor extrapola os limites da academia, segundo os sujeitos pesquisados, pois deve vir do indivíduo e de sua busca pela diferença. A vocação aparece como o primeiro passo da jornada, mas o que faz o professor continuar não é somente o ambiente, os alunos, a metodologia e o salário: é o amálgama de todos esses fatores que deve embasar a carreira digna de qualquer professor.

Já há casos de escolas criando seus próprios espaços diferenciados semelhantes aos cursos livres, em turno inverso e de custo simbólico, para que os alunos tenham acesso à oportunidade de aprender a língua. É visto que a própria escola reconhece que a média de um período semanal não é suficiente e que algo deve ser feito para começar a mudar essa situação. O curso livre é uma empresa antes de ser uma instituição de ensino e sua existência só é validada a partir do ensino quase inexistente de língua inglesa nas escolas, algo que deve ser considerado nas políticas públicas.

Os cursos de graduação em Letras também podem aprender com os cursos livres no que diz respeito à fluência no idioma. Muitas vezes há relatos de alunos que reclamam do ensino da língua recebido no próprio curso de graduação. Casos assim reafirmam a ideia de dom para aprendizagem de idiomas, visto que aqueles com conhecimento linguístico prévio encontram maior facilidade durante a jornada acadêmica. Em compensação, os demais alunos, que não possuem fluência e/ou embasamento na língua, procuram os cursos livres, mesmo cursando a graduação, para continuarem o curso universitário.

Sabemos que, de fato, o curso de Letras não é e nem pode ser somente um curso de idiomas, pois visa formar o aluno professor perpassando outros conhecimentos. Entretanto, não ensinar a língua ou implicitamente favorecer apenas os alunos que já ingressam conhecendo o idioma parece prejudicar a eficácia de um curso de graduação cujo objetivo é formar professores de línguas estrangeiras. Algumas universidades oferecem cursos de línguas em turno inverso, mas isso não abarca o imenso universo dos cursos noturnos, o que, na prática, reduz as oportunidades dos menos favorecidos economicamente. Fica isso como um problema a ser considerado do ponto de vista de possíveis soluções.

Verificou-se ao longo da pesquisa ser deveras importante considerar as questões levantadas pela pesquisadora na entrevista do ponto de vista não só desses temas como também dos objetivos da pesquisa como um todo. A pesquisa qualitativa, não contando com categorias prévias, tem de partir de princípios explícitos de coleta e análise de dados e de interpretação dos elementos disso resultantes. Verificou-se que, ao deixar que os sujeitos e

seus dados falassem, foram construídos critérios de análise, já que não seria legítimo falar de "categorias", a partir do dito. Em vez de se buscarem elementos previamente estabelecidos, procurou-se ver os dados de que se dispunha e, a partir daí, propor temas organizadores.

As descobertas feitas acerca do ambiente dos cursos livres e dos profissionais que lá atuam podem servir de inspiração para novas técnicas e mudanças que possam vir a ser aplicadas em outros ambientes de ensino, como a escola regular, bem como no plano da formação universitária em Letras. Com essas considerações, esperamos que a figura do professor de inglês possa ser resgatada de seu limbo, assim como esperamos que seu processo de formação identitária seja melhor compreendido e que também possamos contribuir de forma reflexiva para a discussão do ensino de língua inglesa que ocorre fora dos ambientes tradicionais da escola.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAUMAN, Z. *Capitalismo Parasitário*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BOHN, H. I. Professor: a problematização de uma identidade. In: Castro, R. V. et al (Orgs.) *Aprendizagem de línguas* – A presença na ausência: CALL, Atividade e Complexidade. Pelotas: Educat, 2012. p. 288-301.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin* – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.

BRASIL. *Parâmetros curriculares para o ensino médio de 1998*. PCN-EM/98. Conhecimentos de Inglês. Secretaria de educação básica. Brasília: Ministério da educação.

CELANI, M. A. A. Ensino de línguas estrangeiras – ocupação ou profissão. In: LEFFA, V. J. (Org.) *O professor de línguas estrangeiras* – construindo a profissão. Pelotas: Educat, 2006. p. 23-43.

CEREJA, W. Significação e tema. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin* – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 201-220.

CHIMIM, R. *O fazer, o saber e o ser*: reflexões de/sobre professores de inglês de uma escola de idiomas. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

DUBAR, C. *A crise das identidades*. São Paulo, SP: Edusp, 2009.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T (Org.) *Identidade e Diferença* – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 103-133.

IALAGO, A. M. *Formação e prática docente de professores de inglês em curso livre:* um estudo das representações sociais. São Paulo, 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação e Letras, Universidade Metodista de São Paulo.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

OLIVEIRA, A. P. In: SILVA, K. A; ARAGÃO, R. C. (Org.) *Conversas com formadores de professores de línguas*: avanços e desafios. Campinas: Pontes, 2013. p. 43-61.

RAJAGOPALAN, K. Línguas nacionais como bandeiras patrióticas, ou a linguística que nos deixou na mão: observando mais de perto o chauvinismo linguístico emergente no Brasil. In: SILVA, F. L; RAJAGOPALAN, K. (Org.) *A linguística que nos faz falhar*. Parábola, 2004. p. 11-38.

SOBRAL, A. Ato/atividade. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin* – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 11- 36.

_____. *Do dialogismo ao gênero*: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. São Paulo: Mercado de Letras, 2009.